



Poesia em festival
(em V.N. de Foz Coa)

jornal de letras, artes e ideias

Ano V n.º 147 De 30 de Abril a 6 de Maio de 1985 Preço 50\$00

Semanalmente, às terças-feiras

Director José Carlos de Vasconcelos

Arquitectos

Nuno Portas falara aqui no número 16 de Abril, da presença de dois arquitectos portugueses na Bienal de Paris (Arquitectura). Mais quatro são hoje descobertos, ao correr do catálogo.

Descobertos mais portugueses na Bienal de Paris

Manuel Graça Dias

No prazo de 15 dias foram já descobertos seis arquitectos portugueses na Bienal de Paris: Álvaro Siza e Eduardo Souto Moura vislumbrados por Nuno Portas (ver artigo publicado neste jornal em 16-4-85) e mais estes quatro que me apresso a divulgar e de que me dei conta folheando o catálogo aqui em Lisboa.

Junto-me assim a Portas na euforia «nacionalista» de falar dos nossos autores, confirmando uma tese que defende há já algum tempo: que temos a maior densidade de arquitectos interessantes por km^2 do mundo, apenas faltando eficazes meios de divulgação e propaganda do seu trabalho e um pouco mais de atenção por parte dos «embaixadores» da nossa cultura arquitectónica.

Abstracção Doce

O catálogo (303 p.p. muito ilustradas) está estruturado em analogia com a linguagem cinematográfica (Découpage, Plano fixo/interior, Olhares, Travelling para trás, Grande plano, Panorâmica).

É na «Panorâmica» que vamos encontrar João Luis Carrilho da Graça (um dos mais novos arquitectos na Bienal) e dois projectos que já conhecemos («Depois do Modernismo» e «Domus»).

Em Alter, uma habitação social depurada que se agarra ao traçado da rua, como numa «fuga», deformando as plantas e as fachadas à partida iguais; em Rodão, um quartel de bombeiros cuja planta «esquemática» e rectangular se envolve depois em muros redondos que parafraseiam o terreno (o contorno cadastral estimula o percurso do lápis).

Há sempre uma grande docura nas formas «inventadas» da arquitectura de Carrilho da Graça. É como que um desejo de rivalizar com a natureza o modo como interrompe o desenvolvimento de geometrias simples, intercalando-as, descontinuando-as, partindo-as. Os desenhos finais são sempre organismos complexos onde o nosso olhar se perde, perdendo o ponto de partida; tão naturais (ou tão pouco) como o labirinto pré-histórico que ele-geu para emblema.

Simbolismo Agressivo

Manuel Vicente, José Daniel Santa-Rita e João Maia Macedo, constituem uma equipa

presente com o já conhecido trabalho de recuperação da Casa dos Bicos.

O dramatismo luminoso da escadaria central e as saídas por onde passa, entre os planos de mármore e as folhas de quadricula de ferro cruzando arcos, fendas no tecto e pilares «em vidro», ocupam duas grandes fotografias.

Faltaria ainda mostrar um duro contra-luz do Tejo através de umas das janelas desenhadas por António Marques Miguel (da loggia por exemplo) para que o tema da Bienal «vu de l'intérieur» adquirisse mais duplidade, mostrando a fragmentação espacial interior a aquietar-se na imagem mais erudita da recuperação da máscara-fachada que segura contém e pára o exterior, mediando-o lentamente de luz e água a pedras e ferro com sentido.

Plano Americano

Quanto ao panorama internacional, é vontade de Nuno Portas não encontrar na Bienal os «excessos mais polémicos» ou os «papás» do pós-modernismo que estariam no Centro Pompidou dedicando-se aos seus prazeres meta-lingüísticos e de onde estaria arredada a

«poética do homem-comum». A Bienal seria assim um lugar mais sereno, mais comprometido com a praxis e menos panfletário; quase que «mais Moderno» já que se oporta, pelo que não mostrava, ao que seria correcto esperar de uma exposição em Paris e em 1985.

Mas a presença de Mario Botta, Frank O. Gehry, Rafael Moneo, Christian de Portzamparc, Emilio Ambasz, Cooperativa Himmelblau, Fabio Reinhart e Aldo Rossi, Studio GRAU, Vittorio Gregotti, Zaha Hadid, Hans Hollein, Oriol Bohigas, Richard Meier, Alessandro Mendini e Alchimia, Paolo Portoghesi, Franco Purini e Laura Therme, Oscar Tusquets e de muitos outros de que eu nunca ouvira falar mas cujos trabalhos muito bonitos e estimulantes percorrem o bem paginado catálogo, desmentem um pouco essa ideia.

Reflectindo certamente o ponto de vista e os parâmetros iniciais definidos por Jean Nouvel e a sua equipa, o catálogo da Bienal «pecará», talvez, por lhe faltar ostensivamente (voltamos ao cinema) algumas páginas de «Plano Americano»; de resto será uma bela viagem pela boa arquitectura Moderna, Tardo-Moderna e Pós-Moderna que se vai fazendo nestes anos oitenta.

E viva a Arquitectura Portuguesa!